

Coletivo Andorinha: um ano de existência, de resistência, de política, de arte, de educação

*Coletivo Andorinha: a year of existence,
of resistance, of politics, of art, of education*

SAMARA AZEVEDO DE SOUZA*

Artigo completo submetido a 30 de maio de 2017 e aprovado a 29 de maio de 2017.

*Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Mestrado em Arte Multimédia (Audiovisuais). Centro de Investigação e de Estudos em Belas Artes (CIEBA). Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: samaraazevedo@campus.ul.pt

Resumo: Esta investigação visa apresentar primeiramente a existência e as práticas do Coletivo Andorinha, que partem da narrativa da discussão política, mas se expandem para além. Discorre sobre o conceito de escultura social de Joseph Beuys, que entende a arte em horizontes mais amplos, e como o mecanismo de uma nova ordem social. Traz também algumas reflexões de Paulo Freire no âmbito da educação, a entendendo como ferramenta crítica, política e de intervenção no mundo. Por último, tece aproximações entre os conceitos apresentados e as práticas do Coletivo Andorinha.

Palavras-chave: escultura social / Coletivo Andorinha / pedagogia da autonomia / arte-política / arte-educação.

Abstract: This research aims to identify the existence and practices of the Coletivo Andorinha, which begin with the narrative of political discussions, but expand beyond that. It discusses the concept of social sculpture of Joseph Beuys, who understands an art in broader horizons, and as the mechanism of a new social order. It also brings some reflections of Paulo Freire in education, understanding its as a critical tool, political and intervention in the world. Finally, it weaves about the approximations between the concepts used and the practices of the Coletivo Andorinha.

Keywords: social sculpture / Coletivo Andorinha, Pedagogy of autonomy / art-politics / art-education.

Introdução

Desde a crise mundial de 2008, o mundo tem passado por mudanças políticas significativas. É claro que se vive sempre em tempo de mudança. Mas o retorno de um conservadorismo radical, de discursos xenófobos, a crise de refugiados, as soluções através de figuras políticas de discurso fácil e de milagres imediatos, passando pelo retrocesso de direitos dos mais frágeis, têm apresentado novos desafios para os indivíduos se colocarem no mundo.

Desafios estes tanto para os indivíduos, tanto para as artes, tanto para a educação. Momento novo para a geração que nasceu nos anos oitenta e noventa, mas que traz um carácter cíclico pertencente a outras fases da história da humanidade.

Frutos deste período, surgem novas propostas de organização, que não atendem a lógicas associativas, nem partidárias, nem artísticas isoladamente. Como exemplo, nos referindo a situação política no Brasil, que vivencia ares reacionários desde as grandes eleições de 2014, surgiram diversos grupos de atuação política dentro do país e também mundo afora: a Rede de Brasileiros no Mundo contra o Golpe conta com representações em mais de 74 cidades.

Uma dessas representações, acontece em Portugal, o Coletivo Andorinha — Frente Democrática Brasileira em Lisboa. O Coletivo surgiu em março de 2016, juntamente com as grandes manifestações no Brasil de apoio a permanência do governo eleito pelo processo democrático até então vigente no país.

1. Descobrindo formas próprias de organização social: a experiência de “coletivo”

Andorinhas!

Quem nunca as viu? Cantam e dançam, por cima de todas as coisas. Querem ouvi-las? Tem de levantar os olhos para o céu, o Zulwine, lavar os olhos no azul que tranquiliza a alma e escutá-las. Elas inspiram-nos a descobrir a grandeza da alma na imensidão do mundo. Se queres conhecer a liberdade, segue o rasto das andorinhas (Ditado Chope) (Chiziane, 2013)

As Andorinhas são pássaros migratórios. Tem a expressão da liberdade agregadas ao seu nome. São pássaros encontrados em grande número no Brasil e em Portugal. Sendo assim, foram escolhidas para batizar e poetizar o coletivo recém criado.

Formado em grande parte por brasileiros estudantes, professores e pesquisadores das mais diversas áreas, assim como por trabalhadores brasileiros e portugueses simpatizantes à causa, o Coletivo Andorinha tem como motor primeiro tentar compreender a situação política do Brasil atual e discutir contra-narrativas não veiculadas pela mídia tradicional.

Essas contra-narrativas se expressam em proposições das mais diversas



Figura 1 · Ato em apoio à greve geral no Brasil e contra a PEC 241/55. 12nov2016. Praça do Rossio, Lisboa. Foto: Manuel Almeida/Agencia Luso.

Figura 2 · Ato em apoio à greve geral no Brasil e contra a PEC 241/55. 12nov2016. Praça do Rossio, Lisboa. Foto: Manuel Almeida/Agencia Luso.



Figura 3 · Material gráfico para divulgação de ação no dia 31 de julho de 2016. Ilustração: Alexandre Guedes.

Figura 4 · Encontro com a presidenta eleita do Brasil, Dilma Rousseff e o Núcleo dos Partido dos Trabalhadores em Lisboa. 14mar2017. Casa do Alentejo, Lisboa. Foto: Filipe Ruffato.

naturezas, tais como atos/performance/manifestações de rua (Figura 1 e Figura 2), criação de manifestos escritos e materiais gráficos (Figura 3), mesa de debates (Figura 4), ciclo de filmes, apoio e participação de eventos da cidade de Lisboa, assim como de associações organizadas com objetos afins. Neste um ano de existência, o grupo já soma mais de trinta e cinco atos realizados.

O grupo trabalha de forma horizontal, onde as decisões são tomadas por aqueles que podem estar presentes e que podem doar seu tempo no momento. Sem a necessidade de hierarquização de cargos ou vontades, as ações acontecem ou quando notícias surgem por internet e são ocultadas pela mídia tradicional, tanto brasileira quanto portuguesa, ou quando convocados por eventos portugueses. As ações são coordenada a partir do interesse, do desejo de alguns dos integrantes, seja de todos, seja de poucos.

O Coletivo Andorinha se coloca como um espaço de reflexão e pensamento, que se traduz em seus manifestos, materiais gráficos e discursos, mas que se afirma nas ações de rua e nas produções de fotos e vídeos destas, em caráter de denúncia. Na tentativa de contar a história pelo ponto de vista não controlado pelo mercado, mas também de expurgar, e de canalizar, os sentimentos de frustração, decepção, raiva e medo presentes atualmente em um número expressivo da comunidade brasileira fora de seu país de origem.

Uma das preocupações atuais do grupo, é entender seu papel imagético. Vídeos produzidos no âmbito de suas performances/manifestações de rua alcançaram expressiva quantidade de visualizações, mesmo compostos por número reduzido de pessoas, se comparado às práticas ativistas realizadas no Brasil.

Há mais de um ano o grupo permeia áreas, estabelecendo zonas de influência entre política, arte, educação. Sem necessidade de estabelecer fronteiras entre estas, constrói modos de se organizar a partir das necessidades de se expressar apresentadas pelas várias atualizações dos momentos, e que atualmente, no Brasil e no mundo, mudam drasticamente em dias.

2. A escultura social: todo mundo um artista

Eu acho que a arte é o único poder político, o único poder revolucionário, o único poder evolucionário, o único poder capaz de libertar a humanidade de toda a repressão. (Beuys, 1990:34)

Joseph Beuys, artista, professor e atuante político, através de seu conceito *escultura social* discute relações de interdependência entre arte, política e educação. Para Beuys, a idéia de escultura, e de arte, era entendida de modo alargado, embriagada de uma atitude política.

O artista determina três estágios desta sua visão alargada de escultura e de arte. O primeiro estaria contido pelo campo das idéias, suas abstrações, seus moldes, sua energia caótica, “materiais invisíveis usados por todos”, nomeado *formas de pensamento*. O segundo estágio acontece no momento que toda essa potência confusa passa por um afinamento, uma harmonia, uma contenção e se transforma em forma, em palavras: *formas faladas*. E no terceiro estágio, acontece um processo determinado, onde se cristalizam formas, onde se fazem conexões objetivas: *a escultura social* (Beuys, 1990:19).

Estando os materiais invisíveis disponíveis a qualquer pessoa, e sendo qualquer indivíduo dotado de uma potência livre criativa em si, logo, todos podem ser artistas, “todo mundo um artista” (Beuys, 1990:19).

Beuys entendia a arte como uma das engrenagens sociais, intrinsecamente conectada à política e a educação, trazendo em suas reflexões resquícios de sua própria história, uma vez que além de artista também foi professor e membro de organizações partidárias socialistas na Alemanha.

Considerava que a construção de uma obra de arte total se daria naturalmente em uma futura ordem social, perpassando por uma nova postura individual. De acordo com nossos perfis individuais e coletivos, através da liberdade que todos nós experimentamos, nós iríamos determinar a nossa participação na esferas legislativas, econômicas e culturais. (Beuys, 1990:22)

3. Intervir no mundo: a educação exige lado

Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?
(Freire, 2002:47)

Ainda na perspectiva da amplitude e a interdependência dos saberes, sob o ponto de vista de um educador, Paulo Freire em seu livro *Pedagogia para a Autonomia*, quando discute “ensinar exige apreensão da realidade”, também vai dizer que “a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral”. (Freire, 2002:41) Lida com objetos, com materiais físicos, mas também lida com medos, com frustrações, com construção estéticas e subjetivas.

Por isso, o professor deve estar em constante diálogo com seus alunos e sua realidade. Não existe educação sem contexto, sem propósito. É preciso ter a consciência de que a educação, a escola presta serviço a um sistema, que valoriza o mercado em detrimento do humano.

É função da educação, e conseqüentemente do professor, lutar contra as lógicas globalizadas fatalistas na sala de aula, que tentam “convencer os prejudicados das economias submetidas de que a realidade é assim mesmo” (Freire, 2002:78)

O discurso político está contido em cada ação do educador, estando ele consciente disto, ou não. Está contido nas escolhas dos programas, nas proposições de desafios, nos modos de se construírem os saberes. E não apenas nestes. O educador, não deveria ser um mero reproduzidor de técnicas, pois deste modo, está apenas a atender interesses dominantes.

É reacionária a afirmação segundo a qual o que interessa aos operários é alcançar o máximo de sua eficácia técnica e não perder tempo com debates ideológicos que a nada levam. O operário precisa inventar, a partir do próprio trabalho, a sua cidadania que não se constrói apenas com sua eficácia técnica mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar a outra menos injusta e mais humana. (Freire, 2002:63)

Ao mesmo tempo, também é ingênuo acreditar que uma revolução pode ser ditada a partir de uma sala de aula. Pois por maiores que sejam a esperança e a boa vontade do educador, a escola não é uma força que atua livremente, sem obstáculos e sem duras dificuldades. (Freire, 2002:61)

A utopia pode levar a frustrações e ao fracasso. É preciso ter consciência que a escola é parte de uma engrenagem mercadológica que não pretende criar seres autônomos, críticos, cidadãos, conscientes de seu papel no mundo. Segundo o autor, seguindo os ideais dos dominantes, a educação é concebida para amansar mentes. Para conter os indivíduos de modo imobilizador, e ocultar destes verdades e realidades. (Freire, 2002:61)

É preciso trabalhar a partir dessa consciência, com potência e assertividade para subverter a lógica estabelecida nos espaços que sejam possíveis. Mas tendo em vista, que para o fazer é necessário definição. É necessário que se tomem posições, entendendo que a educação, que a prática educativa nunca é neutra. E o tentar ser, é estar do lado do dominante, do opressor.

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. (Freire, 2002:63)

Conclusão

As ações desenvolvidas pelo Coletivo Andorinha em seu um ano de existência, contemplam em si possibilidades de confluências entre arte, política e educação, a partir de manifestações rua, intervenções urbanas, criação de manifestos, de conteúdo midiático independente; de escolhas inventivas, criativas, inerentes às práticas humanas que permeiam os campos citados.

Entre o ativismo político e a arte performativa, o pensamento político se

confunde e se representa a partir de escolhas estéticas e críticas, capazes de conterem em si sentidos redimensionados de formação, de arte e de política.

A olhar pela perspectiva dos estágios apresentados por Beyus, as formas de pensamento, a caótica potência criativa apresentada pela nossa liberdade individual fazem do Coletivo um lugar para o reconhecimento destas *formas de pensamento*. Ao mesmo tempo que o constante ato de falar, de discursar, de debater e de escrever, inerentes em suas ações o faz percorrer o segundo estágio chamado por Beyus de *formas faladas*.

O terceiro estágio, escultural, artístico, social, em uma nova ordem pensada pelo viés da arte, se apresentam nas ações desde a rua até a utilização de ambientes virtuais poderia estar no âmbito do que Beyus define como *escultura social*.

Beyus ainda vai defender que a arte é o único meio evolucionário-revolucionário capaz de desconstruir os efeitos de um sistema repressivo.

Só uma concepção de arte revolucionada até este ponto pode se transformar em uma força politicamente produtiva, percorrendo cada pessoa e moldando a história.
(Beyus, 1990:22)

Se para Beyus, a arte era capaz das mudanças necessárias de paradigmas, para Freire, é através da educação que esta afirmação amplificada é ressignificada. “A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política.” (Freire, 2002:69)

Freire ainda chama para os educadores a responsabilidade de refinar as posturas rebeldes e as transformar em posturas revolucionárias “que nos engajam no processo radical de transformação do mundo” (Freire, 2002: 47)

É preciso transformar os rebeldes em revolucionários. Para Beyus, através da potência caótica da arte. Para Freire, através da conscientização daquele que estuda, seja de que área for. Para o Coletivo Andorinha, nas formas de se colocar no mundo, de pensar suas práticas, de se unir aos que também se rebelam e se revoltam contra o retorno da manutenção imoral do privilégio de poucos. Em tempos atuais, onde uma ala reacionária, preconceituosa, conservadora se revela e se consolida não só no Brasil como no mundo, arte e educação só podem ser, só podem acontecer, por excelência, como lugares de resistência, de pensamento crítico, com consciência de seu viés estético, ideológico e político.

Referências

- Chiziane, Paulina (2013) *As andorinhas*. Belo Horizonte: Nandyala.
- Freire, Paulo (2002) *Pedagogia da Autonomia*. Publicado originalmente em 1996. Versão online 2002. Coletivo Sabotagem. Disponível em: https://sonhosdeumprofessordeeducacaofisica.files.wordpress.com/2015/09/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf

- Beyus, Joseph (1990) *Joseph Beyus in America: Energy plan for the Western Man*. Writings by and Interviews with the Artist. Compiled by Carin Kuoni. 1ª ed. New York: Four Walls Eight Windows.